

AS PLANTAÇÕES MICHELIN BAHIA (PMB): UM GRANDE COMPLEXO INDUSTRIAL INTEGRADO À PRODUÇÃO AGRÍCOLA: EXEMPLO DE SUJEIÇÃO DA RENDA DA TERRA AO CAPITAL MONOPOLISTA

Paulo Henrique Silveira Lima – UESB
paulohud.g@ig.com.br

Cleilton Costa Ramos – UESB
cleiltoncartografia@oi.com.br

Júlia Gabriela Fernandes Gonsalves – UESB
jgbi@ig.com.br

Este trabalho tem o objetivo de analisar a forma pela qual o capital monopolista, o agronegócio, se instala no campo e seus impactos sócioambientais. Tem como referencial teórico a interpretação de Oliveira (1986) do modo de produção capitalista; Fernandes (s/d) sobre a agricultura camponesa; Viola et.al. (1998) que trata do meio ambiente, desenvolvimento e Cidadania, numa perspectiva interdisciplinar com ênfase para os movimentos sociais e a ecologia política. A metodologia foi a pesquisa bibliográfica, reflexão sobre as diversas discussões sobre o tema e pesquisa empírica, visitando e colhendo informações e dados na área estudada, a fazenda Plantações Michelin da Bahia (PMB).

O modo de produção capitalista, em sua fase monopolista, apresenta um processo contraditório de reprodução ampliada do capital, ou seja, cria, recria e domina relações capitalistas e não-capitalistas de produção. Nessa fase nota-se também a preponderância da circulação de mercadoria sobre a sua produção na acumulação do capital, ou seja, a mais-valia é gerada na produção, porém realizada na circulação. A agricultura, inserida no modo de produção capitalista, passou, então, a ser drenada nas duas pontas do processo produtivo: no consumo produtivo, máquinas e insumos com altos preços; e na circulação, exercendo controle sobre os preços dos produtos agrícolas. Assim o capital sujeita não mais ou apenas a força do trabalho, mas a renda da terra ao capital, pois apropria a renda da terra sem ser seu proprietário, reproduzindo o capital por via não capitalista de produção. Daí o interesse do capital em criar, recriar e ampliar a agricultura camponesa (familiar) especializando-a, com o próprio Estado participando na formação desse modelo de agricultura, familiar, dando-lhe legalidade, porém com controle exercido por pressão, via encargos fiscais e/ou financiamentos por meio dos bancos oficiais. Assim a agricultura camponesa reproduz-se dentro dos limites estabelecidos pelo capital ao tempo em que os monopólios transformam a renda da terra em renda capitalizada.

As Plantações Michelin Bahia (PMB), na região Litoral Sul da Bahia, estudo de caso deste trabalho, é um exemplo que serve como análise no processo de implantação do capital monopolista na agricultura, pois se trata de uma grande empresa industrial e comercial

estabelecida em cento e oitenta e nove países, que instalou uma unidade da agroindústria nessa região da Bahia, processando todas as etapas da produção, desde a seleção das sementes, mudas de seringueiras clonadas, até a industrialização da produção, na própria fazenda. A diversificação do modo de produção, capitalista e não capitalista, foi estabelecida pela própria empresa, uma vez que a área da PMB que era de 9.679,5 hectares foi desmembrada, e 4.962,0 hectares foram repassadas para funcionários e ex-funcionários da empresa, com financiamento externo repassado por bancos oficiais brasileiros, com intervenção do governo do Estado da Bahia. Atualmente a empresa tem apenas quatrocentos funcionários e toda a logística de produção, desde o fornecimento das mudas de seringueiras clonadas e apoio agrônômico, passando pela mecanização, até a compra do produto do pequeno agricultor está sob o domínio da PMB. Os custos operacionais de toda essa logística é conveniado com o governo da Bahia, com Banco do Nordeste e a Caixa Econômica Federal. Esta, juntamente com as prefeituras de Ituberá e Igrapiúna construiu 240 casas populares que a PMB repassou, por financiamento, para as famílias de trabalhadores da empresa. A usina de beneficiamento de látex da PMB beneficia cerca de oito toneladas de borrachas por mês, destas cinco toneladas são produzidas por produtores camponeses.

Resultado: A PMB segue a política do ecodesenvolvimento e legitima suas ações de exploração em grande escala sob o discurso de proteção ambiental, preservação e recuperação da biodiversidade regional, o que não se confirma na prática, uma vez que a heveicultura, com sua respectiva industrialização, inviabiliza essa prática, restando apenas locais específicos de uma insignificante fauna, artificialmente preservada. A flora engana muito à primeira vista, mas se revela “fria”, inóspita. A mídia e os modernos sistemas de comunicação são estrategicamente usados pela PMB para divulgar suas ações ecológicas e sociais, amenizando a percepção dos impactos sócioambientais negativos. Assim a PMB subtrai a renda da terra, das diversas formas, exercendo domínio e controle em nome do “desenvolvimento sustentável”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Modo Capitalista de produção e Agricultura. São Paulo: Ática, 1986.

FERNANDES, Bernardo Mançano. O Futuro do MPA. In: Caderno de Estudos do MPA. Nº 1. Secretaria Nacional do MPA. Brasília-DF. s/d.

VIOLA, Eduardo J. et.al. Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais. 2. São Paulo: Cortês; Florianópolis: DAUFSC, 1998.

LES PLANTATIONS MICHELIN A BAHIA (PMB): UN GRAND COMPLEXE INDUSTRIEL INTEGRE A LA PRODUCTION AGRICOLE : UN EXEMPLE DE SOUMISSION DU RENDEMENT DE LA TERRE AU CAPITAL MONOPOLISTE

Paulo Henrique Silveira Lima – UESB
paulohud.g@ig.com.br

Cleilton Costa Ramos – UESB
cleiltoncartografia@oi.com.br

Júlia Gabriela Fernandes Gonsalves – UESB
jgbi@ig.com.br

Dans ce travail, on a pour but d'analyser la façon par laquelle le capital monopoliste, l'*agro-business*, s'installe à la campagne, ainsi que ses impacts sociaux et environnementaux. On a comme référence théorique l'interprétation d'Oliveira (1986) des modes de production capitalistes; Fernandes (sans date) sur l'agriculture paysanne; Viola *et al.* (1998), qui s'occupe de l'environnement, du développement et de la citoyenneté dans une perspective pluridisciplinaire, en mettant en relief les mouvements sociaux et l'écologie politique. Comme méthodologie, on a eu la recherche bibliographique, une réflexion sur les diverses discussion autour du thème, ainsi qu'une recherche empirique, en allant sur place et en recueillant des renseignements et des données sur le domaine étudié, la ferme Plantations Michelin de Bahia (PMB). Le mode de production capitaliste, dans sa phase monopoliste, présente un processus contradictoire de reproduction amplifiée du capital, c'est-à-dire qu'il crée, recrée et domine des rapports capitalistes et non capitalistes de production. Dans cette phase, on note aussi la prépondérance de la circulation marchande sur sa production dans l'accumulation du capital; autrement dit, la plus-value est générée dans la production, mais se réalise dans la circulation. L'agriculture, insérée dans le mode de production capitaliste, va, alors, être drainée dans les deux bouts du processus productif : dans la consommation productive, des machines et des *input* à des prix élevés; et dans la circulation, en exerçant un contrôle sur les prix des produits agricoles. Ainsi, le capital soumet non plus ou non seulement la force du travail, mais aussi le rendement de la terre au capital, étant donné qu'il s'approprie du rendement de la terre sans qu'elle lui appartienne, en reproduisant le capital par une voie non capitaliste de production. D'où l'intérêt du capital à créer, recréer et amplifier l'agriculture paysanne (familiale) en la spécialisant, avec le concours de l'État lui-même dans la formation de ce modèle d'agriculture familiale, en lui donnant son sceau de légalité, mais en ayant un contrôle exercé par pression, au travers des charges fiscales et/ou des financements par des banques officielles. C'est ainsi que l'agriculture paysanne se reproduit dans les limites établies par le capital, alors que les monopoles transforment le rendement de la terre en revenu capitalisé.

Les Plantations Michelin à Bahia (PMB), dans la côte Sud de Bahia, étude de cas de ce travail, est un exemple qui sert à l'analyse du processus d'implantation du capital monopoliste dans l'agriculture, car il s'agit d'une grande entreprise industrielle e commerciale établie dans cent quatre-vingt-neuf pays, qui a installée une unité de l'agriculture dans cette région de Bahia, traitant toutes les étapes de la production, depuis la sélection des semences, des plants d'hévéas clonés jusqu'à l'industrialisation de la production, dans la ferme elle-même. La diversification du mode de production, capitaliste et non capitaliste, a été établie par l'entreprise elle-même, puisque l'aire des PMB, qui était de 9.679,5 hectares, a été morcelée, et 4.962 hectares furent repassés aux employés et ex-employés de l'entreprise, avec du financement extérieur fourni par des banques officielles brésiliennes et l'intervention du gouvernement de l'État de Bahia. Actuellement, l'entreprise n'a que quatre cents employés et toute la logistique de production, depuis la fourniture des plants d'hévéas clonés et l'appui agronomique, en passant par la mécanisation, jusqu'à l'achat du produit chez le petit agriculteur, se trouve sous la domination des PMB. Les coûts opérationnels de toute cette logistique sont arrangés entre le gouvernement de Bahia, la Banque du Nordeste e la Caisse Économique Fédérale. Celle-ci, avec les mairies d'Ituberá e d'Igrapiúna, a bâti 240 maisons populaires que les PMB ont repassées, par financement, aux familles des travailleurs de l'entreprise. L'usine de traitement de latex des PMB traite autour de 8 tonnes de caoutchou par mois, dont cinq tonnes sont produites par des producteurs paysans.

Résultat: Les PMB suivent la politique de l'éco- développement et légitiment leurs actions d'exploitation à grande échelle sous le discours de protection de l'environnement, de la préservation et de la récupération de la biodiversité régionale, ce qui n'est pas vrai dans la pratique, puisque la culture de l'hévéa avec son industrialisation respective ne permet pas cette pratique, il ne restant plus que des lieux spécifiques d'une faune insignifiante, artificiellement préservée. La flore trompe beaucoup en première vue, mais s'avère « froide », inhospitalière. Les médias et les modernes systèmes de communication sont stratégiquement utilisés par les PMB pour diffuser ses actions écologiques et sociales en vue d'adoucir la perception des impacts sociaux et environnementaux négatifs. Le fait est que les PMB soustraient le rendement de la terre sous des formes diverses, en exerçant une domination et contrôle au nom du « développement soutenable».

RÉFÉRENCES BIBLIOGRAPHIQUES

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Modo Capitalista de produção e Agricultura. São Paulo: Ática, 1986.

FERNANDES, Bernardo Mançano. O Futuro do MPA. In: Caderno de Estudos do MPA. Nº 1. Secretaria Nacional do MPA. Brasília-DF. s/d.

VIOLA, Eduardo J. et.al. Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafios para as Ciências Sociais. 2. São Paulo: Cortês; Florianópolis: DAUFSC,1998.